

REVISTA TRIMENSAL  
DO  
INSTITUTO HISTÓRICO  
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTEÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO XXV.

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,  
Et possint servā posteritate frui.*



Vol. 25

Rio de Janeiro 1862

KRAUS REPRINT

Nendeln/Liechtenstein

1973

Reprinted by permission of  
Instituto Historico e Geografico Brasileiro, Rio de Janeiro

KRAUS REPRINT  
A Division of  
KRAUS-THOMSON ORGANIZATION LIMITED  
Nendeln/Liechtenstein  
1973  
Printed in Germany



# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

I. TRIMESTRE DE 1862.

### DUVIDAS

SOBRE ALGUNS PONTOS DA HISTORIA PATRIA.

Memoria oferecida ao Instituto Historico e Geographico do Brasil, pelo Sr. Dr. Joaquim Mancel de Macedo.

**S**O ELOQUENTE Sr. Lamartine principia a sua Historia da Russia enunciando o seguinte pensamento: *um misterio impenetravel a historia envolve o berço dos povos, como paira uma nuvem sobre as nascentes dos rios, que descem de suas montanhas de gelo para inundar os continentes*: e antes do Sr. Lamartine, embora menos elegantemente que o historiador poeta já tinha dito Goldsmith começando também a sua Historia da Inglaterra: *a origem de quasi todos os povos acha-se envolvida em trevas, que os sabios tem em vão procurado dissipar*. A justa observação destes dous escritores encontra um novo fundamento na Historia do Brasil; n'ella porém o misterio de que falla o Cysne do Sena, as trevas a que se refere Goldsmith não obscurecem sómente o berço, a origem das hordas selvagens, que os primeiros colonizadores acharam na Terra da Santa Cruz, dilatam-se ainda muito além e consentem apenas que uma luz duvidosa deixe mal apreciar não poucos acontecimentos, que ocorreram longos annos depois da feliz descoberta de Cabral.

As causas que contribuiram para encher de nevoas a nossa tão recente antiguidade são conhecidas de todos aquelles que se tem dado ao estudo da historia patria. No tempo colonial poucos homens se lembraram de perpetuar em chronicas e memorias a lembrança dos factos da época: desses poucos sem dúvida uma boa parte trabalhou sem fructo deixando manuscritos que se perderam para sempre, e até mesmo dos documentos officiaes e dos livros recolhidos aos archivos, e que ahi deviam ser guardados religiosamente, um grande numero foi destruido pelo tempo, aquem ajudou a incuria, e ainda em mais de um caso, um vanalismo estupido e fatal.

E por isso mesmo que não abundam os historiadores e chronistas dos nossos primeiros seculos, acontece, que alguns factos vão passando em julgado, só porque algum auctor o refere, e não há outros que o combatam, e assim aquelle que estuda a matéria toma muitas vezes o erro pela verdade, a outros igualmente o transmite, tornando-se em verdade o erro pela regra de ser muitas vezes repetido.

A menos que a critica consciente e apurada não preste auxilio seguro, não descobrimos meio de escapar ao engano, quando há um unico livro em que se tenha historiado um certo acontecimento: no caso porém em que diversos auctores se ocupam do mesmo assumpto mais facil se torna descobrir a verdade, ou, se quer, marcar os pontos duvidosos que precisam e devem ainda ser elucidados.

Na leitura de algumas obras que tratam da historia patria temos também deparado com alguns desses pontos que chamamos duvidosos, e até chegado a hesitar antes de admittir a veracidade de factos, aliás recebidos como incontestaveis, e no empenho de ver decididas estas questões julgamos que não podíamos proceder melhor, do que appellando para o juizo e a critica dos mestres, e por isso nos atrevemos a roubar momentos preciosos da attenção do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Na exposição que vamos fazer não temos a pretenção audaciosa de resolver duvidas de outros; mas sómente de apresentar as nossas: não oferecemos conselho, simplesmente vamos pedir lição, que nos deve muito aproveitar.

Por agora nos limitaremos a provocar um estudo sobre alguns pontos da historia patria, concernentes a invasão e

guerra dos hollandezes em Pernambuco: mais tarde e quando menos sobrecarregados de outros deveres pudermos tão cabalmente quanto em nossas debeis forças está desempenhar o novo que acabamos de contrahir, traremos á consideração do Instituto outras questões, na proposição das quaes, desde já o declaramos, não nos faremos cargo de respeitar a ordem chronologica dos factos, de que teremos de tratar.

Os pontos sobre que vamos discorrer, oferecendo as duvidas, que se tem mostrado ao nosso espirito são as seguintes:

1.<sup>a</sup> A accusação que em geral se faz ao general Mathias de Albuquerque de se haver descuidado de fortalecer a capitania de Pernambuco, ameaçada de uma invasão estrangeira, empregando o tempo que devia a esse myster dedicar, em festas e lisonjas em aplauso do nascimento do principe D. Balthazar herdeiro da corôa de Hespanha.

2.<sup>a</sup> A grande gloria que se atribue ao joven João Fernandes Vieira pela parte principal e muito notável que tornou na defesa do forte de S. Jorge, atacado e enfim tomado pelos hollandezes.

3.<sup>a</sup> As causas que determinaram a desastrosa deserção de Domingos Fernandes Calabar, e os juizos feitos sobre esse demodado e misero traidor.

#### Primeira duvida.

A historia d'essa guerra de vinte e quatro annos sustentada contra os hollandezes invasores por um povo, ou melhor ainda por uma cohorte de bravos, que quasi sem auxilio do seu governo resistiram sempre com indissivel coragem, e deram ao mundo os mais brilhantes exemplos de paciencia, constanca, fidelidade, e valor indomito, não pôde deixar de ser grata aos brasileiros. Ha nessa historia feitos de heroicidade pasmosa, ha heróes ao molde dos antigos da Grecia e Roma, ha vultos gigantescos e bellos, como os de Mathias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, Vieira, Camarão, Rebello, Henrique Dias, esse novo scevola, scevola de cõr negra, e de alma candida.

Mas por isso mesmo que os louros sobram, e que os motivos de ufania abundam, deve-se cuidadosamente excluir a exageração ou o invento da narração dessas lides glorioas. Na historia falle a verdade sempre e antes de tudo: é ella sómente

que deve dirigir a pena do escriptor na exposição dos factos como é só a consciencia que deve presidir a apreciação delles. Cumpre que o historiador e o chronista se lembrem sempre que diante da posteridade pôde faltar quem os desminta, quando elles desvirtuam um facto, e que em tal caso o mal que fazem á memoria de uma personagem historica, não tem recurso algum ou difficilmente chega a ser remediado, e isso lhes deve pesar na consciencia.

Esta ultima consideração muito de proposito emittimos; por que se é máo conceder o historiador honras indevidas a qualquer heroe seu predilecto, muito peior ainda é lançar culpas immerecidas a outros, e talvez que d'isso se ressinta o nome do general Mathias d'Albuquerque, a quem alias deve Pernambuco tão relevantes servicos.

Com effeito este valente capitão, que tantas proesas fez sustentando-se no campo Real do Bom Jesus, e atacando por mais de uma vez os hollandezes, é mais ou menos acremente censurado por quasi todos os chronistas da sua época, e autores de historias e de compendios de Historia do Brasil dos tempos subsequentes, porque tendo sido mandado da metrópole com o fim determinado de preparar as capitâncias que ficavam debaixo do seu governo, e precisamente a de Pernambuco para repellir a projectada invasão hollandeza, em vez de cuidar de fortificações e de aprestos de defesa, distraiu o povo com festas, e só d'estas se occupou, procurando antes lisongear o rei, celebrando o nascimento do herdeiro do throno, do que cumprir a importante missão, de que se achava incumbido.

A censura é tão grave, que se eleva ao grão de accusação; examinemos porem os factos, e as narrações, que d'elles se fez.

Constando na Hespanha o apreste de uma grande armada hollandeza e suspeitando-se com razão que ella se destinava a Pernambuco foi Mathias de Albuquerque mandado de novo a tomar conta do governo de Pernambuco: as ordens que se deram a esse general foram as seguintes: «que visitasse e fortificasse as quatro praças do Rio Grande, Parahyba, Itamaracá, e Pernambuco, e que estas lhe ficariam sujeitas quanto á guerra» (Mem. Diarias—marquez de Basto).

Como cumpriu o general Mathias de Albuquerque tão importante missão? . . . Consultemos os autores.

Fr. Manoel Calado no seu Valeroso Lucídeno falla de trabalhos de fortificação em Pernambuco dirigidos pelo capitão mór Pedro Corrêa da Gama antes da chegada de Mathias de Albuquerque, e d'este apenas refere que celebrava festas pelo nascimento do príncipe D. Balthazar herdeiro da coroa de Hespanha. Ora Fr. Calado estava em Pernambuco, era pois testemunha ocular do que se passava.

Brito Freire não falla de fortificações feitas por Pedro Corrêa da Gama, nem por Mathias de Albuquerque, e d'este diz que referia com infructuoso sentimento a muitas cousas sem remedio para prevenir a desculpa ou augmentar a gloria, do que lhe sucedesse prospera ou desgraçadamente. Mas por outra parte o desvellava a diligencia &c. Também por tanto este testemunho não é favorável a Mathias de Albuquerque.

Fr. Raphael de Jesus no Castrioto Lusitano diz que Mathias de Albuquerque chegando a Pernambuco apresentou as ordens que trazia e foi por elas obedecido, porém não festejado: que viu e aprovou quanto Pedro Corrêa tinha obrado em ordem de fortificação, e conformes no parecer deram princípio a um reducto pegado a fortaleza da terra &c. « e mais abaixo tratando do nascimento do príncipe acrescenta: » Com Mathias de Albuquerque chegou a Pernambuco a nova e o princípio das festas. O povo engolofado no entretenimento perdeu a memoria dos receios, e toda a applicação dos reparos. »

Rocha Pitta tratando da chegada de Mathias de Albuquerque, prosegue dizendo: « e finalmente vendo tudo sem capacidade da prompta defensa que requeria o danno imminente, preveniu as forças, e dispôz a gente na melhor forma, que lhe permittira o tempo, mostrando-se com tudo n'estas prevenções mais pratico que activo; porque se applicára n'aqueles mesmos dias a outra acção politica imprópria da occasião, devendo só cuidar na defensa d'aquelle província, em que podéra fazer o maior serviço, e ainda a maior lisonja ao monarca. » E depois acrescenta: « pareceu fatalidade, sendo Mathias de Albuquerque tão belicoso etc. metter-se agora a ser lisongeiro, porque trazendo a nova do nascimento do príncipe D. Balthazar Carlos herdeiro da monarquia, ordenou em Pernambuco grandes e intempestivas festas em detrimento das operações que se faziam para sua defensa, e necessitavam de todas as atenções etc. »

Alem d'estes autores Southey, Beauchamp, Gama nas memórias Historicas de Pernambuco e diversos compendios que temos a vista reproduzem a accusação que transpira das palavras de Fr. Raphael de Jesus e Rocha Pitta. Dos antigos chronistas que consultamos, só Giuseppe di S. Teresa [que aliás commette neste assumpto um erro considerando Pedro Corrêa da Gama governador de Pernambuco e antecessor de Mathias de Albuquerque] não se declara contra o valente general, e apenas menciona que elle devia ter sido muito contrariado pela escassez de gente, de armas, de munícios; e o marquez de Basto é o unico que nas suas Memorias Diarias apregoa ou registra os cuidados e o empenho com que Mathias de Albuquerque procurou fortalecer Pernambuco para mais seguro receber, e, se podesse, assoberbar os inimigos invasores. Entre os modernos o nosso consocio o sur. Warnhagen é quem na sua Historia Geral do Brasil secundando o marquez de Basto quebra uma lâme generosa em defesa e honra do general accusado.

O marquez de Basto mostra em breve mas eloquente quadro o estado lastimoso em que Mathias de Albuquerque achou as fortificacões antigas e outras que em sua precedente governação deixara por acabar: enumera muitos trabalhos d'esse genero que concluiu e alguns que não teve tempo de concluir; as disposições que o general tomou para dar uma tal qual organização regular à milícia pernambucana, para armar os indios que eram doutrinados pelos religiosos da companhia de Jesus etc. etc. em fim justifica plenamente Mathias de Albuquerque assinalando a sua actividade, e incansavel diligencia.

O Sr. Warnhagen exprime-se pelo modo seguinte: « Chegou Mathias de Albuquerque ao seu destino; e bem que não faltam escriptores que calunniem sua memoria dizendo que só cuidára de festas, cumpre-nos dizer que sabemos pelo contrario de factos mui positivos que nos recommendam as muitas e mui adequadas providencias que tomou nos cinco meses menos quatro dias que e-teve no seu posto, antes de se lhe apresentar o inimigo. Muitas d'essas providencias se acham consignadas nas memorias contemporaneas (e cita as do marquez de Basto); e por nossa parte tivemos occasião de ver em Amsterdam uma bella planta do forte real, que se inum-»

bira o engenheiro Christovão Alvares de construir para bater a barra etc. »

Eis aqui pois duas auctoridades contra muitas: felizmente não se decidem as questões d'esta ordem pela maioria de votos. Estudaremos a materia.

O marquez de Basto é uma auctoridade muito valiosa e o seu testemunho de grande pezo: mas era tambem irmão de Mathias de Albuquerque, e semelhante parentesco dá lugar a suspeição. Não seria impossivel que alguns julgassem que n'este caso a voz do sangue fallou mais alto, do que a da verdade no coração do bom marquez: o seu testemunho pois não faz prova sufficiente para sobre elle se basear a sentença da critica.

O Snr. Warnhagen citando unicamente as Memorias Diarias do mesmo marquez de Basto, quando falla em Memorias contemporaneas não é ainda de grande auxilio a Mathias de Albuquerque, e infelizmente dizendo que sabe de factos positivos que lhe recommendam as muitas e moi adequadas providencias que tomou aquelle general, não menciona esses factos: a occasião não era opportuna para que o historiador descesse a tais minuciosidades; mas quem perdeu com a inopportunidade foi a causa de Mathias de Albuquerque.

Até aqui pouco ou nada adiantamos: passemos a considerar os escriptores do lado opposto. Quanto a nós os autores modernos de Southey por diante devem ficar fora da questão: todos elles se foram repetindo uns aos outros, ou a Brito Freire, Fr. Raphael de Jesus e Rocha Pitta, sendo até para notar que alguns os repetissem mais ou menos *ipsi cerbis*. É evidente pois que devemos ir ás fontes.

Mas entre os modernos cumpre não esquecer de todo as Memorias Historicas da província de Pernambuco do nosso finado consocio José Bernardo Fernandes Gama. Como Pernambucano deveria elle ter estudado muito e mais facilmente que qualquer outro a materia de que se ocupou, e o seu testemunho tão contrario a Mathias de Albuquerque é de alguma consideração. Mas a obra do nosso consocio resente-se muitas vezes de um defeito, que é filho de uma grande virtude que possuia o auctor: era elle muito patriota, chegava a ser provincialista, e a melhor explicação que se podia dar a primeira derrota dos pernambucanos de que tanto se resente o

seu nobre pundonor era a indolencia, a incuria, e a imprudencia, de que tivesse dado provas o general, deixando perder cinco mezes, que deviam ter sido empregados em fortificar a praça e o litoral. Nas Memorias Historicas de Pernambuco sobresahe repetidamente este senão; não é só o provincialismo que transpira de muitas paginas; é tambem o espirito de partido politico que em assumptos contemporaneos faz duvidar da imparcialidade do historiador. O nosso consocio está morto; mas nós fallando assim não desrespeitamos as cinzas do homem a quem alias particularmente estimámos. A critica não exérge a auctor; para ella é sómente o livro que se considera.

Vamos porém examinar as fontes, onde foram heber todos os modernos escriptores de que fallamos.

Fr. Manoel Calado que é o mais velho d'esta familia de escriptores conta que Mathias de Albuquerque fizera celebrar muitas festas pelo nascimento do principe D. Balthazar, e não diz que elle se occupasse de fortificações e de meios de defesa de Pernambuco; mas acrescenta que —vai tratando d'essas cousas por maior— e que precisaria escrever resmas de papel para referir quanto fôra ocorrendo em Pernambuco. E com effeito o Valeroso Lucideno esquece muitos factos que não carecem de importancia; o seu silencio pois na questão de que tratamos não deve ser tomado a má parte para Mathias de Albuquerque, e tanto mais que não vemos por diante aggressão alguma ao general, nem mesmo reparo em seu procedimento.

Depois de Fr. Calado vem Brito Freire, e este não foi muito que deixasse no olvido as providencias que Mathias de Albuquerque por ventura tomou, quando de si mesmo fallando e fazendo uma digressão se estendeu suficientemente sobre aquellas, que nas capitâncias de novo restauradas elle fez adoptar, lamentando não poder levar todas ao cabo para futura segurança da America portugueza; tratando de si não se lembrou talvez de tratar de outrem; mas Brito Freire é o proprio que defende em outro lugar o general acusado; pois diz, que era impossivel sustentar-se da despesa real a gente necessaria para as occasões que poderá haver, antes que as haja; e note-se que o auctor refere-se ás dificuldades, com que teve de lutar em sua chegada Mathias de Albuquerque.

Segue-se Fr. Raphael de Jesus: e agora dizemos a medo; mas dizemol-o: para nós Fr. Raphael de Jesus é

antes um panegyrista de João Fernandes Vieira, do que um historiador imparcial: nos seus quadros todos os vultos aparecem oportunamente acanhados para que mais gigantesco se torne o do Castrioto Lusitano, que aliás d'isso não precisa. Além d'esta consideração cumpre não esquecer que Fr. Raphael de Jesus viu o drama com olhos alheios, escreveu de longe, e não está no caso de Fr. Calado, e Brito Freire, e nem no do marquez de Basto que estiveram no theatro da luta.

Rocha Pitta em fim escriptor do seculo decimo oitavo, mas que ao proprio merecimento reune n'este caso o titulo de neto de um dos combatentes de Pernambuco é quem em nossa opiniao exhibe testemunho mais valioso contra Mathias de Albuquerque: escreveu elle porem sob a influencia da leitura e da consulta da Historia da Guerra Brasileia e do Castrioto Lusitano? . . . E' o que não podemos decidir.

D'este encontro de opinioes é que nascem as nossas duvidas; entretanto algumas reflexões podemos ainda fazer.

Acreditamos que Mathias de Albuquerque nos cinco mezes de seu governo antes da invasão dos hollandezes não fez, nem poderia fazer construir fortificacões de seria importancia; por que os meios lhe deviam faltar para isso. Que recursos trouxe elle consigo a Pernambuco ameaçado de imminente perigo?... Uma caravella e vinte soldados, e todos os chronistas confessam que elle não achou para companheiros d'esses vinte e sete soldados mais do que cento e trinta, e teve de lutar com a escassez de gente, de munições, e de armas, como diz Fr. Giuseppe di S. Teresa, e com a falta de dinheiro, pois confessa Brito Freire, que era impossivel sustentar-se da despesa real a gente necessaria para as occasiões que poderá haver, antes que as haja.

E nem se pôde admitir que dinheiro não faltasse ao governo, que apenas pôde socorrer Pernambuco com vinte e sete soldados em uma occasião tão critica, e note-se que se trata do governo hespanhol, e que os hespanhóes não se cansam de repetir um celebre adagio que entende com o dinheiro e com a guerra.

Mais ainda: ha um nobre sentimento, que supre o dinheiro, e que mil vezes o dispensa: é o entusiasmo do patriotismo; mas nem para esse podia appellar Mathias de Albu-

querque logo que chegou a Pernambuco; pois que todos os escriptores contemporaneos declaram a uma voz, que o temor se havia apoderado de quasi todos os corações, o que não é para admirar, quando elles apregoam tambem que era imensa a depravação dos costumes, e a desmoralisação do povo: ora não ha patriotismo em uma população envilecida pelo vicio: mas não se presuma que a perversão que reinava na villa de Olinda e no Recife tinha invadido os reconcavos. A heroicidade dos bravos do campo real do Bom-Jesus, protesta contra semelhante suposição.

Além d'isto diversos chronistas, dos que citamos, reconhecem que Mathias de Albuquerque quando pela primeira vez governará Pernambuco em época em que os hollandezes já tentavam estabelecer-se no Brasil, havendo temporariamente ocupado a cidade de S. Salvador, fizera construir fortificações em Pernambuco, e tomára providencias para a defesa d'aquella capitania: ora parece-nos inverosimil que o mesmo capitão que assim se mostrára activo, prudente e cauteloso, viesse em uma época mais tormentosa, e quando as espadas inimigas por assim dizer já se achavam fóra das bainhas, dar provas de tamanho desmazelo, e de uma negligencia tanto mais indesculpavel, que segundo as instruções que trazia, elle devia principalmente attender e cuidar nas fortificações e meios de defesa.

Releva ainda observar que não é de presumir que o marquez de Basto contemporaneo, actor no drama terrivel, e escrevendo aos olhos dos contemporaneos e tambem para ser lido por elles, enchesse de inventos as primeiras paginas das suas Memorias Diarias, e improvisasse fortificações e trabalhos que não tiveram lugar, e que elle com minuciosidade menciona atribuindo-os ao zelo e cuidadosa actividade de Mathias de Albuquerque, como sejam um forte, a que deu principio no rio Tapado, outro em frente da entrada principal do Recife, duas baterias aos lados do forte de terra S. Jorge, o intrincheiramento progressivo do Recife, outro forte a sua entrada, como ponto principal de toda aquella defensa, uma bateria na barreta dos Afogados, além de ordens dadas para se conduzir em muitas embarcações madeiras para fortificações e esplanadas, de fazer reparar os estragos dos fortes arruinados, e de tomar diversas e importantes providencias tendentes a

regularizar as forças de milícia, e a armar e disciplinar tanto quanto fosse possível aos indios doutrinados pelos religiosos da companhia de Jesus.

Não se podendo presumir que o marquez de Basto inventasse para desculpar a negligencia de seu irmão tantos e tão variados trabalhos, sómente se julgaria possível que em matéria de fortificações elle atribuisse ao general aquem o ligavam tão estreitamente os laços do sangue, o que se tivesse devido só a pericia, e activa solicitude do sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, que antes de Mathias de Albuquerque chegara da Bahia encarregado de fortificar Pernambuco.

Mas aqui cumpre attender as datas: Pedro Corrêa da Gama chegou a Pernambuco em Agosto de 1629 (Mem. Hist. de Gama) e Mathias de Albuquerque a 18 de Outubro do mesmo anno: dous mezes ou poucos dias mais entre as chegadas de um e outro: e em dous mezes como admitir-se que Pedro Corrêa da Gama fizesse executar tantas obras, principalmente sendo tão sensivel a falta de gente, de dinheiro e de matérias?... Estas datas por tanto são favoraveis a Mathias de Albuquerque, e exhibem um testemunho poderoso em abono de sua causa, a menos que não sejam simples improvisos de bom irmão os trabalhos de fortificação mencionados pelo marquez de Basto, o que realmente não é acreditavel.

E' ainda conveniente tambem não esquecer que Mathias de Albuquerque só teve para aproveitar antes da chegada dos inimigos cinco mezes menos quatro dias, e além da carenção de recursos de todo o genero, viu-se obrigado a mandar buscar em embarcações, que para esse fim despachou, madeiras indispensaveis para as obras, que devia executar: ora tudo isso importava tempo que se perdia, quando o tempo tão precioso era.

Finalmente faz-se cargo ao general, das festas que fez celebrar em aplauso do nascimento do príncipe herdeiro do throno hespanhol, e de as ter mandado continuar ainda depois de receber de Cabo-Verde a noticia da aproximação dos inimigos: não discutiremos agora se Mathias de Albuquerque devia esmerar-se em festejar aquelle acontecimento: os historiastas que referem o facto e que o censuram com evidente azedume, são portuguezes, e portuguezes que escreveram logo depois da feliz e gloria revolução de 1640, que libertou

Portugal do jugo da Hespanha. Esta consideração fala muito alto.

Quanto a não haver interrompido as públicas demonstrações de regosijo depois das notícias mandadas de Cabo-Verde, quem nos diz que assim procedendo não occultava Mathias de Albuquerque um fim político?... O exemplo da Bahia estava ainda bem recente na memoria de todos: e talvez que o general simulando não dar inteiro credito a noticia, quizesse banir o susto do animo do povo, e fazendo continuar as festas, prender com o seu encanto na villa de Olinda uma multidão curiosa, na qual poderia achar muitos valentes soldados, para oppôr-se aos hollandezes.

A vista das considerações que acabamos de oferecer confessamos a nossa hesitação em aceitar como procedente a acusação que fazem a Mathias de Albuquerque alguns dos chomistas do decimo setimo seculo, um historiador do decimo oitavo, e quasi todos os autores de historias e compendios de Historia do Brasil.

Receiamos que abusassemos de mais da attenção do Instituto, fatigando-o por tanto tempo com uma questão, que talvez careça de importancia: mas fomos levados pela idéa, de que nas aulas, em que por acaso se ensina historia patria, a mocidade ouve e lê, que Mathias de Albuquerque devendo tratar de fortalecer Pernambuco, só se ocupou de festas, e de lisonjas, e não convém induzir em erro aquelles que de ordinario acreditam piamente no livro que lêem, e no professor a quem ouvem.

Releve-nos tambem o Instituto a ousadia com que nos metemos a fallar de um ponto, que se refere a fortificações, e aprestos bellicosos: uma consideração nos apadrinha e desculpa: acabamos de citar pelo menos tres frades, que muito trataram do mesmo assunto.

Apresentaremos agora a duvida em que nos achamos a respeito da parte que tomou João Fernandes Vieira na defesa do forte de S. Jorge.

### **Segunda duvida.**

Quando os hollandezes em Fevereiro de 1630 invadiram a capitania de Peruambuco o general Waerdenburch desem-

barcando em Pão Amarello a frente de um corpo de exercito avançou tão facil e desassombradamente sobre Olinda, tão fraca oposição encontrou para lhe impedir ou demorar a marcha, e com tanta promptidão foi penetrando aquella villa, que bem pudera repetir o *reni, vidi, vixi* de Cesar, e provavelmente fez entre si a mais triste idéa do valor dos pernambucanos: teve porém de receber logo depois as primeiras provas da bravura indomável d'esses descendentes d'aquelles portuguezes, que tinham enchido o mundo inteiro com a fama de suas proezas.

Ao tempo que a multidão espavorida fugia diante dos batalhões invasores, Waerdenburch um momento antes de entrar em Olinda, no dia 16 de Fevereiro, lutou peito a peito com um punhado de guerreiros heróes, que pareciam cegos para não ver o numero dos inimigos, e surdos para não ouvir o estrépito das armas, e o sibilo das balas: eram Salvador de Azevedo que a frente de alguns paisanos disputava junto ao convento de S. Francisco o passo, e a terra da pátria a uma forte columna de soldados disciplinados: empenho ousado, e infructífero mas glorioso para esses poucos heróes, que caíram quasi todos ou mortos ou feridos. E quatro dias depois a 20 de Fevereiro, o forte de S. Jorge resiste a um assalto, e começa uma resistencia, que cobre de immarcescíveis louros a intrepida guarnição, que o defende.

No combate desigual e terrível sustentado por Salvador de Azevedo e seus companheiros vemos o desespero patriótico lavando com o sangue de alguns martyres a mancha lançada sobre o nome pernambucano pelos fracos e cobardes do primeiro dia, muitos dos quaes deveriam tornar-se denodados campeões em pouco. No forte de S. Jorge uma guarnição fraca em numero, e admirável pela constanca e pelo denodo dá o primeiro exemplo de heroicidade no cumprimento do dever do soldado, e paga com sublime dedicação o tributo do patriotismo.

Nada temos que dizer a respeito do facto atribuído a Salvador de Azevedo, e seus bravos irmãos de gloria: os historiadores lhe fazem a justiça devida, e honram a sua memória: infelizmente porém não nos é possivel admittir sem novos estudos, e mais serio exame tudo quanto alguns tem escrito sobre a defesa brillante do forte de S. Jorge: e por isso mes-

ma que a consideramos como a primeira pagina fulgente da historia d'essa guerra de vinte e quatro annos, temos para nós que ella pôde bem escuzar algumas exagerações e algum invento, que por ventura se haja misturado com a verdade, que só por si, simples e nua é mais que suficiente para recomendar tão bello feito a posteridade.

Na defesa heroica e porfiada do forte de S. Jorge o facto nos parece incontestavel, nem ha quem sobre a sua veracidade tenha-se lembrado de propôr questão alguma; fazem-no porém acompanhar de circumstancias, que por ora teremos de reputar pelo menos muito duvidosas. Temos com efeito duvidas sobre o numero dos soldados hollandezes, que o atacaram no dia 20 de Fevereiro, e depois no dia 28 do mesmo mes em diante; temos duvidas a respeito do numero dos bravos que compunham a sua guarnição, e temos principalmente a duvida mais ponderosa a respeito da parte, que se diz ter tomado João Fernandes Vieira na defesa d'esse famoso forte.

D'essas tres a primeira duvida ficará posta de lado, e adiada para melhor tempo: dos autores que fallam com mais conhecimento por parte dos hollandezes conhecemos unicamente Barlaeus que aliás de outra época d'essa guerra se occupa, De Lact, e Netscher: não queremos decidir-nos só por esses, e quanto aos nossos cronistas e historiadores tão contraditórios ou exagerados os achamos, quando tratam de por em campo soldados inimigos, e de matar hollandezes, que não nos é possível jurar em suas palavras, falta-nos pois a base para entrar n'esta questão, e relativamente limitar-nos-hemos a ir reproduzindo, ou copiando o calculo de cada auctor.

Exponemos as outras duvidas, e para esse fim não começaremos por fazer a narração do factio que todos conhecem, e que o Instituto melhor do que nós perfeitamente sabe: convém-nos porém estabelecer os seguintes pontos, que são por todos admitidos.

Primo: No dia 20 de Fevereiro uma forte columna hollandeza atacou de noite e quis tomar de assalto o forte de S. Jorge e foi repelida com grande perda pela guarnição do forte que era muito pouco numerosa, e que tinha por comandante o capitão Antonio de Lima.

Secundo: No dia 28 de Fevereiro Waerdenburch veio com

uma força imponente sitiaria regularmente o forte que resistiu nobremente até que reduzido a um monte de ruínas capitulou no dia 1º, ou 2º ou 4º de Março.

Determinados estes pontos procuremos saber, de que força dispunha o capitão Antonio de Lima para resistir aos veteranos, e ás phalanges aguerridas de Waerdenburch.

Em materia de calculo do numero dos soldados do exercito proprio e do inimigo nós temos sempre em consideração este pensamento de Napoleão I. « Não confunda os boletins com a historia; » mas no nosso caso nós nem ao menos encontramos boletins que expliquem uma exageração, em que nos parece que tem incorrido os escriptores modernos.

Nós comprehendemos que aquelle que toma sobre si o empenho de escrever a historia de acontecimentos passados seja induzido em erro pelos chronistas da época, que elle procura recordar; quando porém o novo escriptor avança proposições, determina a respeito de um facto circumstancias, que nenhum dos chronistas contemporaneos refere, o homem, que como nós, se esforça por estudar conscientemente, tem direito de duvidar da assertão, enquanto não se lhe mostra a fonte, em que ella foi bebida.

Esta ultima hypothese se acha realisada no assumpto em questão. Vejamos o que dizem os compendios de historia e historias do Brasil a respeito do numero de soldados, de que constava a guarnição do forte de S. Jorge, e caminhamos dos moços para os velhos, dos modernos para os antigos.

Ó nosso prestante consocio o Sr. Curuja diz a pagina 66 das suas Lijões de Historia do Brasil: « Não poderam porém logo os hollandezes entrar no Recife por lhes embargar a passagem o forte de S. Jorge » e fallando da guarnição acrescenta: « Sendo então todos em numero de 37 sustentaram elles sós os ataques de uma força inimiga em numero de 4,000 por espaço de seis dias, até que tendo morto mais de 300 contrarios foi o baluarte reduzido a ruínas. Foi só então que esta corajosa guarnição capitulou a 1º de Março, etc. » Temos pois aqui 37 contra 4,000 homens.

Ó nosso estimavel consocio o Sr. Perdigão Malheiro no seu Indice Chronologico diz o mesmo: « Distinguiu-se João Fernandes Vieira na defesa do forte de S. Jorge com sós 37 guerreiros contra 4,000 até que capitula honrosamente. »

Segundo o nosso finado consocio Fernandes Gama nas Memorias Historicas de Pernambuco, Lima, em consequencia da deserção de alguns soldados, tinha sómente consigo 7; J. F. Vieira e mais vinte voluntarios correm a ajudal-o; deveria pois constar a guarnição de 28 ou 29 guerreiros; mas este autor declara logo depois que ella era composta no seu total de 37 sem nos dizer d'onde tinham vindo mais esses 8 ou 9 bravos: emfim os 37 resistem ao assalto de 1500 holandeses, matam 150, e ferem a muitos mais. O autor continua depois dizendo: «Inflammado de colera, Demburg, manda tocar a retirada, e torna elle mesmo em pessoa a fazer o cerco em rega com artilharia e 4000 soldados. Abre trincheiras, cava estradas cobertas, constroe duas baterias, e patenteia o seu fogo; porém nata intímidia a pequena guarnição, *soccorida por minus dous capitães e alguns homens*, que depois desta victoria se introduziram no forte. Estes 37 bravos dão o exemplo da mais gloriosa resistencia batendo-se com o mesmo valor desde 27 de Fevereiro até 4 de Março, etc.» Aqui é palpável a contradicção: porque se o forte foi soccorrido por dous capitães e alguns homens depois da victoria de 20 de Fevereiro, como se explicam as palavras: «*Estes 37 bravos dão o exemplo da mais gloriosa resistencia batendo-se com o mesmo valor desde 27 de Fevereiro até 4 de Março?*... Se haviam sido soccorridos, como eram sós 37?...» Mas esta contradicção não surprehende: Gama no principio da relação deste facto copiou a Beauchamp, e logo depois cingiu-se a outros autores, acabando por essa mesma razão por commeter outra contradicção ou por confundir as datas; porque a paginas 204 do seu primeiro volume marca o dia 4 de Março, como o da capitulação do forte de S. Jorge, e nas duas seguintes assignala o dia 2 do mesmo mês como da entrega da fortaleza do mar; ora todos sabem que a capitulação d'esta foi consequencia imediata da de S. Jorge, e não podia preceder-a em dous dias. E note-se que a contradicção de Gama resalta de suas proprias phrases; por quanto depois de ter fallado na capitulação do forte de S. Jorge no dia 4 de Março, continua no seguinte periodo da pag. 205 dizendo assim: «Restava ainda porém a fortaleza do mar por conquistar.» E acaba dando-a por conquistada dous dias antes! Ora se já estava conquistada, *não restava ainda porém a conquistar*.

O nosso consocio o Sr. Salvador Henrique de Albuquerque no seu Resumo da Historia do Brasil dá o forte assaltado por 4500 hollandezes; mas não marca o numero dos seus intrepidos defensores; cita porém, como costuma, algumas oitavas do nosso Durão o cantor do Caramurú, em uma d'ellas encontramos estes douz versos :

O bravo Lima. . . . .  
Sem mais que trinta invictos defensores  
Trezentos sacrificia aos seos furores.

Não damos grande importancia ao calculo do poéta: é provavel que elle quizesse dar mais companheiros ao capitão Antonio de Lima, o forte podia receber uma guarnição muito mais numerosa; no verso porém é que não cabiam mais de trinta defensores.

O Sr. general Abreu Lima tanto no seu compendio da Historia do Brasil como na Synopsis contenta-se com 27 defensores, e eleva o numero dos assaltantes a 4500.

Belloarde no seu Resumo da Historia do Brasil (4.<sup>a</sup> edição 1855) diz que a guarnição se compunha de 30 homens, que durante seis dias inteiros defenderam o posto contra 4000 homens disciplinados e munidos de numerosa artilharia, e que finalmente vendendo-se quasi sepultados nas ruínas do pequeno baluarte e depois de terem morto mais de 300 dos contrarios capitularam a 4 de Março.

Constancio, porque tambem queremos citar Constancio, e Ferdinand Diniz dão ao forte 37 combatentes; mas o primeiro se satisfaz com 1500 hollandezes no assalto do dia 20 de Fevereiro, quando o segundo declara que contra esses poucos se bateram 4000 com formidavel artilharia durante seis dias.

Warden refere que o forte de S. Jorge com uma guarnição de 37 soldados sob o commando do capitão Antonio de Lima oppoz uma resistencia decidida a 1500 hollandezes, dos quaes 300 ficaram mortos, e muitos mais feridos no dia 20 de Fevereiro, e depois desde o dia 27 do mesmo mez ao sitio regular dirigido pelo general Waerdenburch, até que capitulou no 1.<sup>a</sup> de Março.

Beauchamp apresenta a singularidade, que é do nosso dever fazer notar, de errar no calculo que faz do numero dos defensores do forte de S. Jorge absolutamente do mesmo

modo, porque depois veio a commetter o mesmo erro o nosso Fernandes Gama, o que não é de admirar, visto como o auctor das Memorias Historicas da provincia de Pernambuco n'este ponto traduziu fielmente, copiou ipsis verbis o escriptor frances. Beauchamp diz por tanto que em consequencia das deserções a guarnição do forte ficará reduzida a sete soldados; que Antonio de Lima pedira soccorros; que João Fernandes Vieira com vinte outros voluntarios correra aquelle ponto de honra; e depois de tudo isto Beauchamp declara que a guarnição se compunha de 37 soldados sem nos explicar, d'onde haviam sahido os oito ou nove de mais, que apparecem. Mas esses 37 guerreiros triumpham de um assalto dado na noite de 20 de Fevereiro por 1500 hollandezes, que perdem 300 mortos, e contam um numero de feridos ainda mais avultado. Esses 37 resistem ao sitio regular desde o dia 27 de Fevereiro até 4 de Março, em que tem lugar a capitulação.

Desiderio Marques Leão que repetidas vezes illustra a sua tradução de Beauchamp com citações e notas de diversos auctores, chama n'este assumpto a atenção do leitor para o que nos conta a este mesmo respeito Rocha Pitta, e nada mais adianta.

Southey é pelo menos concludente; porque admittindo que o capitão Antonio de Lima tivesse ficado sómente com 7 soldados, e que João Fernandes Vieira com os seus 20 compaheiros voluntarios o fossem auxillar, não eleva como Beauchamp e Gama a guarnição do forte além d'esse numero, e acrescenta que depois da assignalada resistencia da noite de 20 de Fevereiro, alguns dos fracos e cobardes que tinham fugido do forte voltaram a elle com um valor filho da victoria, que os galvanisára. Quantos porém foram os arrependidos, que tornaram ao posto glorioso ? Southey não o diz.

Rocha Pitta não determina o numero dos bravos que componham a guarnição commandada pelo capitão Antonio de Lima: declara simplesmente que eram poucos mais de 30; vinga-se porém d'esse descuido que lhe escapára elevando a 2000 os hollandezes que deram o assalto na noite de 20 de Fevereiro, deixá mortos no campo o cabo dos inimigos e 300 d'elles, e faz com que 4000 infantes e boa artilheria venham pôr em sitio o forte, e o batam durante cinco dias; no fim dos quaes tem lugar a capitulação, havendo antes Antonio de

Lima pedido a Mathias de Albuquerque socorro, que não pôde obter.

Não foi por esquecimento, aliás indesculpavel, que deixamos de contemplar entre os auctores citados o nosso prestante consocio o Sr. Warnhagen; mas sómente porque elle na sua Historia Geral do Brasil apenas fez menção honrosa da resistencia da guarnição do forte de S. Jorge sem descer a estas questões especias.

De Laet se empenha muito por explicar o revez sofrido pelos hollandezes para ter paciencia e tempo de se ocupar com os bravos, que os rechassaram na noite de 20 de Fevereiro: consultamos tambem a quinta Epanaphora de D. Francisco Manoel, que põe de lado o bello feito da defesa do forte de S. Jorge.

Emfim deixamos para o ultimo lugar, e de proposito para que mais fosse notado o Sr. Netscher auctor da obra *Os Hollandezes no Brasil*: aqui, como todos deveriam esperar, a scena é completamente outra: a quasi totalidade dos auctores, que citamos, encontra no forte de S. Jorge apenas tres peças mal montadas: Netscher conta n'elle não menos de vinte e quatro: os primeiros dizem que na noite de 20 de Fevereiro, 1,500, ou 2,000, ou 4,000, ou 4,500 hollandezes foram assaltar o forte: Netscher reduz todo esse mundo a 600 homens: aquelles collocam debaixo do commando do capitão Antonio de Lima 27, ou poucos mais de 30, ou 37 soldados: Netscher reproduz a historia das deserções, dos sete fieis e dedicados que ficam com o seu capitão, do socorro trazido por João Fernandes Vieira com os intrepidos voluntarios, cujo numero não declara, e calcula enfim a guarnição em 80 a 90 soldados: os outros fazem os hollandezes perder na accão 150 ou 300 mortos, e ainda maior numero de feridos: Netscher diz que a perda dos seus foi de 20 mortos, e de 50 feridos, e assim por diante.

Que diferença espantosa na relação e nos cálculos de um e de outros!... mas onde está a verdade?...

Já o dissemos, não procuramos fazer questão do numero dos soldados hollandezes, que tomaram parte nos ataques contra o forte, nem dos mortos e feridos victimas do assalto da noite de 20 de Fevereiro: anda em tudo isso alguma cousa que se pareça com boletins, de que fallava Napoléon I:

quanto porém aos defensores do famoso baluarte o caso é outro: nessa questão entramos; porque temos duvidas que reputamos bem fundadas a expor.

Admira-nos, mas não nos parece impossivel, que uma guarnição muito pouco numerosa, defendida porém por trincheiras ainda não derrocadas pudesse resistir a um assalto, e bater-se durante longas horas contra um poder de homens muito superior: o valor inspirado pelo patriotismo e pela consciencia do dever, a superioridade da posição que davam as defesas do baluarte, as sombras da noite que deviam contrariar os soldados hollandezes que não conheciam ainda o terreno, em que pelejavam, e outras circunstancias especiaes que de Laet e Neischer apontam, e que não examinaremos agora que grão de veracidade tem, explicam esse feito brilhante sem diminuir a gloria dos heróes, que por elle se immortalisaram. Querer mais do que isso para exigir o impossivel, ou a repetição d'esses combates, em que se extremaram semi-deoses invulneráveis como Achiles, alimentados na infancia com a carne dos leões como Hector, ou predestinados para dar o exemplo e ser o tipo da força como Hercules.

O que porém não podemos admitir facilmente é que 27, 30, ou 37 intrepidos guerreiros pudesssem resistir em um pequeno forte, em ruinas durante cinco ou seis dias a numerosos batalhões aguerridos, e dispondo de boa e relativamente numerosa artilharia: pelo menos seria necessário que nos impusessem o testemunho de auctoridades insuspeitas e contemporaneas.

Lembramos pelo menos treze autores de compendios e de historias do Brasil até o seculo decimo oitavo, porque incluimos n'esse numero Rocha Pitta, e a excepção de Fernandes Gama que por contraditorio tres vezes fica fóra de questão, e de Southey que foi o menos entusiasta, todos os outros dão ao forte de S. Jorge 27, ou poucos mais de 30, ou 37 guerreiros, que resistem, elles sós sem nenhum auxilio, ao formidável poder hollandez durante alguns dias de porfiada luta.

Ninguem pôde ter o direito de inventar circumstancias para dar mais beleza ou brilhantismo a um acontecimento, a um facto notavel; por tanto os autores que citamos, não inventaram, deram credito a alguma auctoridade na materia. Pois bem: o que nós pedimos, é que se nos aponte a auctoridade, a

fonte, onde tantos escriptores foram beber a relação, que fizera com a circunstância especial, de que duvidamos. Ora no caso em questão auctoridades, e fontes só se devem considerar os escriptores chronistas da época, em que se passou essa guerra dos vinte e quatro annos.

Infelizmente pouco temos lido; mas conhecemos como chronistas e historiadores contemporaneos da guerra hollandeza no Brasil Fr. Manoel Calado, auctor do *Valeroso Lucideno* — Brito Freire — da *Guerra Brasílica* — Fr. Giuseppe di S. Teresa — da *Istoria Della Guerre Del Regno del Brasile* — Fr. Raphael de Jesus — do *Castrioto Lusitano* — e antes d'esses — O marquez de Basto — das *Memorias Diarias da Guerra do Brasil*.

Consultemos pois estes cinco auctores, e vejamos se um só d'elles deixa de depôr contra a exageração dos que escreveram posteriormente.

O marquez de Basto diz que na noite de 20 de Fevereiro o capitão Antonio de Lima tinha consigo 27 companheiros, e que com elles resistiu ao assalto de 1,500 hollandezes, sendo ainda n'esse empenho ajudado por Lourenço Vaz Cerveira, que tinha a seu cargo na entrada da povoação do Recife tres peças, com as quaes descobria e defendia a porta do forte, impedindo assim que ali os inimigos encostassem as escadas. Mais adiante, e referindo-se ao dia 24 de Fevereiro, escreve ainda o marquez: « Dos dous fortes S. Francisco e S. Jorge se tinha todo o cuidado, e ocorrendo-os cada dia com o necessário, ou com o possível. N'este (no de S. Jorge) entrou mais o capitão Francisco de Figuierón com sua pequena companhia e outra genie, e o capitão reformado Gil Corrêa de Castello-Branco, que havia chegado de ordem do da barra, onde estava. » E enfim tratando da capitulação do forte observa, que sahiram d'elle ainda 60 homens, tendo-se perdido n'esse sitio de poucos dias talvez 40 entre mortos e feridos. Por tanto segundo o marquez de Basto a guarnição do forte composta no dia 20 apenas de 37 soldados, chegou a ter perto de 100 na occasião do sitio.

Mas o marquez de Basto é sempre irmão de Mathias de Albuquerque, a quem cumpria socorrer o forte; deixemo-lo pois de lado.

Fr. Manoel Calado no *Valeroso Lucideno* passa de um vóo

sobre o ponto, a que se refere a nossa duvida, dizendo apenas que os hollandezes « vieram com a artilharia que deitaram em terra a combater o forte de Diogo Paes, e ganhando-o em poucos dias se fizeram senhores do forte do mar e do Arrecife. »

Brito Freire conta que a guarnição do forte de S. Jorge constava de 37 portuguezes sob o commando do capitão Antonio de Lima, quando os hollandezes em numero de 1,500 vieram dar-lhe o assalto as 3 horas depois da meia noite, retirando-se desordenadamente estes com perda de mais de 300 mortos e alguns prisioneiros: e proseguem depois pela seguinte maneira: « Mathias de Albuquerque indo pela manhã visitar e socorrer os nossos perfez o numero de 80, a que só dava lugar a capacidade do forte. » Esta guarnição assim aumentada resistiu ao sitio, em que lhe veio pôr Waerdenburch com artilharia grossa e 4,000 infantes desde 27 de Fevereiro até 4 de Março, em que os nossos capitularam, tendo perdido 19 mortos, e feridos 22, e os inimigos 180 homens.

Fr. Giuseppe di S. Teresa está de perfeito acordo com a relação de Brito Freire, e podia mesmo ter escripto a sua obra com a de Brito Freire diante dos olhos; pois que a Istoria Delle Guerre Del Brasile traz a data de 1698, enquanto a Nova Lusitania— Historia da Guerra Brasilica tem a de 1675. Como quer que seja, segundo Fr. Giuseppe di S. Teresa trinta e sete eram os commandados pelo capitão Antonio de Lima na noite do assalto, 1,500 os assaltantes, e destes 300 os que ficaram mortos: Mathias de Albuquerque soccorre o forte com oitenta e tantos soldados, não podendo conter mais o baluarte: Waerdenburch vem sitiá com 4,000 infantes e artilharia grossa: a guarnição resiste desde 27 de Fevereiro até 4 de Março, dia em que é obrigada a capitular. Brito Freire não tinha dito outra cousa.

Fr. Raphael de Jesus escreveu pouco mais ou menos o que depois repetiu Southey: o capitão Antonio de Lima achasse no forte apenas com sete companheiros, pois que a maior parte da guarnição havia desertado: João Fernandes Vieira e mais vinte voluntarios vão ajudá-lo a defender aquelle ponto de honra, e conseguem repelir o assalto de um— *numeroso troço de combatentes escolhidos*,— dos quaes 150 são mortos, e um numero muito maior sahe ferido. Mas Raphael de Jesus

continua dizendo assim, logo no seguinte período: «A muitos, que havia apartado o horror da batalha, chamou com risonho semblante a alegria da victoria. Tedos querem ter parte na honra, muito poucos no perigo. Alguns capitães que trazia retirados a desconfiança, meteu dentro da forra o arrependimento; com elles se aumentou o numero dos defensores; porém não a gloria dos triumphantes, porque em seu braço tinham sua fortuna.» E o auctor continua dando conta do sitio e da capitulação do forte.

Temos pois diante de nós, afora Fr. Manoel Calado, que n'este assumpto desempenha o sobrenome que o designa, os outros que acabamos de apontar, Fr. Raphael de Jesus, Fr. Giuseppe di Santa Teresa, Brito Freire, e o marquez de Basto, todos elles cronistas ou historiadores contemporaneos, e que ou assistiram aos acontecimentos que se passavam na capitania de Pernambuco, ou escreveram no seculo em que taes factos ocorreram, todos elles por tanto são fontes, e para nós as unicas que conhecemos entre os escriptores portuguezes que da materia se ocuparam, e todos elles a uma voz declaram, que no assalto da noite de 20 de Fevereiro a guarnição do forte de S. Jorge se compunha de 28 ou 29 soldados; (Fr. Raphael de Jesus) ou de 37 (marquez de Basto, Brito Freire, Fr. Giuseppe di Santa Teresa) porém que logo depois Mathias de Albuquerque fez entrar no baluarte novos socorros, que elevaram o numero dos defensores a 80 pelo menos.

E verdade que Netscher calcula em 80 a 90 os bravos que repeliram heroicamente o assalto do dia 20; mas o calculo do auctor hollandez deve ter sido baseado nas informações e documentos dos chefes hollandezes, que encontraram exactamente esse numero de soldados no forte, quando teve lugar a capitulação, e é facil pois concluir que Netscher confunde a guarnição, que triumphou do assalto com aquella que resistiu tão galhardamente ao sitio durante alguns dias.

E verdade tambem que Rocha Pitta não falla de socorro algum entrado no forte de S. Jorge, e pelo contrario diz tratando do sitio regular que o capitão Antonio de Lima «fez aviso a Mathias de Albuquerque, pedindo-lhe socorro; mas não lh' o enviando e sem calher o capitão da sua resposta esperanças de o alcançar, capitulou com os inimigos, etc.» mas esta assunção do auctor da *História da América Portugueza* não

destruindo de modo algum, o que certificam os chronistas e historiadores portuguezes do seculo decimo setimo, que citamos, se explica perfeitamente, em nosso entender ao menos, por uma circumstancia que então se deu, e que os mesmos escriptores registraram: por quanto Fr. Raphael de Jesus diz que os sitiados « sabiam que o soccorro era impossivel: » e esta impossibilidade esaqui explicada juntamente com a assersion de Rocha Pitta. Brito Freire conta que « avisaram os cercados por Antonio Fernandes Furna, ao nosso general do aperto em que se achavam, etc.: mas como o general sem enviar soccorro effectivo, respondeu com esperanças duvidosas, o Furna ou considerando que se expunha a um perigo inutil, ou sendo-lhe já impossivel consegui-lo, não tornou a entrar no forte, etc., e os nossos capitularam. » O marquez de Basto refere que na noite de 1º de Março « puderam os do forte avisar por Antonio Fernandes Furna, que o inimigo se chegava para a porta com uma trincheira, e do estado em que se achavam já sem parapeitos por dous lados, e que dentro não havia terreno para poder fazer outros, nem retiradas: porque como era o forte á antiga e sobre a arca, se havia sustentado mais do que se podia esperar; além d'isto já nos tinha ferido e morto alguma gente. Respondeu o general animando-os com dizer que a qualquer hora esperava soccorro, e que em chegando não só lho enviaria, como trabalharia por fazer quanto mal pudesse ao inimigo. Encarregava-os de proseguir com o seu valor até a extremidade. Mas já o mensageiro não pousa entrar lá com a resposta, e mandaram-se mais dous que tiveram o mesmo sucesso. » A vista pois d'estas duas declaracões conclue-se, que o soccorro, de que falla Rocha Pitta, que Antonio de Lima pediu, e não teve, não pôde ser senão aquelle que Antonio Fernandes Furna fôra requisitar poneo antes da capitulacão, na noite do dia 1 para 2 de Março.

Longo demais temos sido; mas parece-nos que ficou demonstrado, que em nenhum dos chronistas e antigos escriptores, que conhecemos, ocupando-se da guerra dos hollandezes no Brasil se encontra explicacão alguma para justificar, o que dizem todos os subsequentes autores de historias e compendios de historia do Brasil, a excepção de Southey, a respeito do numero de vinte e tantos, ou de 37 soldados, de

que constava, como elles pretendem, a guarujião do forte de S. Jorge, que resistiu ao sitio regular dirigido por Waerdenburch: pelo contrario todos esses chronistas e historiadores elevam pelo menos a 80 os bravos companheiros de gloria do capitão Antonio de Lima.

Em quanto pois não se nos mostrarem fontes insuspeitas e puras, que dêem fundamento a essa asserção, que por ora consideramos gratuita, subsistirá a duvida, que acabamos de oferecer á consideração do Instituto Historico e Geographicoo do Brasil.

### Terceira Dúvida.

Trataremos agora de expôr a duvida em que estamos a respeito da parte muito notável que segundo querem quasi todos os modernos autores de Historia do Brasil tomou Joao Fernandes Vieira n'esse mesma gloriosa defesa do forte de S. Jorge.

A fama vai sempre além da verdade, diz Tacito: e com effeito a critica fria e severa tem já por vez demonstrado, que ha na historia alguns preconisados heróes que não resistem a um exame profundo e consciencioso dos feitos, que lhes são attribuidos, e outros que perdem boa porção de seus louros, quando a flamma do entusiasmo não deslumbra a razão, que procura aprecial-os com justez e livre de prevenções.

Ha homens verdadeiramente felizes, privilegiados de donosa fortuna, para a gloria dos quaes tudo parece concorrer: tudo, a occasião, as circunstancias, a modestia e a abnegação de outros, o amor do renome n'elles, além do seu proprio merecimento. Para taes homens parece que brilha durante a vida uma estrella propicia, que ainda depois de mortos continua a influir em sua memoria. Talvez que entre esses privilegiados de fortuna donosa, de que fallamos, se possa contar Joao Fernandes Vieira. Não se pense que este nosso talvez que é filho da duvida que vamos apresentar e de alguma outra que por ventura ainda tenhamos, exprime a menor hesitação da nossa parte em receber como incontestaveis muitos e mui relevantes serviços prestados por esse illustre e intrepido madeirense na guerra brasiliaca sustentada contra os hollandezes; não se presuma que deixamos de reconhecer quanto deve o Brasil ao braço e à constancia de Vieira, e a obrigação patrio-

lica, que nos corre de honrar a sua memoria; mas tambem confessamos, que o nosso espirito não pôde ainda de todo rejeitar a idéa, de que á João Fernandes Vieira attribuem-se feitos brilhantes, que elle não praticou, na defesa do forte de S. Jorge, e que de pois de 1644 até o fim da guerra chama da da independencia, dão-lhe uma primazia, que se á alguem devesse pertencer, á André Vidal de Negreiros antes que a outro qualquer era de justiça, que coubesse.

A estrella propicia que brilhou para João Fernandes Vieira em todo o correr de sua vida, é ainda tão luminosa, que os nossos escriptores modernos com uma excepção unica talvez, o apresentam em seus quadros dominando sempre no primeiro plano, ao mesmo tempo que ocupam o segundo e que se sentem abatidas ou pequenas diante desse vulto todas essas nobres e generosas figuras de heróes, que se extremaram em uma guerra tão longa, como patriótica.

Especialmente narrando o feito brilhante da defesa do forte de S. Jorge os escriptores, a que nos referimos recommendam com tanto entusiasmo o procedimento que ali teve João Fernandes Vieira, que de certo modo fica obscurecida a gloria que de direito pertence ao capitão Antonio de Lima, em quem alias até nem fallam alguns autores: de outros bravos, que tambem ali combateram com o maior denodo nem ao menos os nomes são lembrados, ao mesmo tempo que se dramatisam poeticamente as proezas do joven de 17 annos, que voluntariamente corréa para aquelle posto de honra.

Mas a historia, como diz o senhor Lamartine, não é sómente um drama, é ainda um tribunal, e nesse tribunal as personagens devem ser julgadas, e as sentenças lavradas sobre o testemunho dos factos estudados escrupulosamente até que, se for possivel, não pare a menor duvida a respeito d'elles, e das circunstancias, e dos episodios, que os enfeitam.

Estudemos pois este ponto da historia patria: examinemos com frieza e cuidado que grao de veracidade tem as gloriosas accões atribuidas a João Fernandes Vieira na defesa do forte de S. Jorge, quando os hollandezes invadiram a capitania de Pernambuco no anno de 1630.

Para não fatigar a atenção do Instituto com citações multiplicadas, resumiremos em poucas palavras a historia, como a refere o maior numero dos nossos autores modernos: n'este

resumo perderá ella muito na elegância, nada porém na fideli-dade da exposição.

Os hollandezes acabavam de tomar a villa de Olinda; não podiam no entanto conquistar o Recife sem ganhar primeiro o forte de S. Jorge: abandonado o capitão Antonio de Lima, que o commandava, por quasi toda a guarnição e vendo-se apenas com sete soldados, manda pedir algum reforço a Mathias de Albuquerque: ao chegar o emissario estava com o general um joven madeirense de 17 annos de idade: era João Fernandes Vieira, que imediatamente se ofereceu para ir defender aquele posto: vinte outros voluntarios seguem o seu exemplo: com este punhado de bravos Antonio de Lima ousa desafiar todo o poder dos hollandezes: na noite de 20 de Fevereiro é repelido um vigoroso assalto dos inimigos: o forte de S. Jorge resiste a um sitio regular até o dia 1.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> ou 4.<sup>o</sup> de Março: capitula enfim: mas nos artigos da capitulação não se lembraram os rendidos de salvar as bandeiras d'el-rei e as insignias dos cabos da milícia, livron-as porém dos inimigos João Fernandes Vieira mandando a um moco seu que enrolasse em si a bandeira de Alfonso de Albuquerque, cingindo elle consigo mesmo a outra.

A parte o episódio das bandeiras que nem todos relatam, contam pouco mais ou menos a historia do forte de S. Jorge, como acabamos de resumir, os seguintes autores de historia, compendios de historia do Brasil, e de obras relativas ao Brasil: os Senhores — Curuja, — Netscher — Albuquerque — general Abreu Lima — Fernandes Gama — Beauchamp — o seu traductor Desiderio Marques Leão — e Southey, oito autoridades por tanto.

O nosso consocio o Sr. Doutor Perdigão Malheiros no seu Indice Chronologico diz: « Distingue-se João Fernandes Vieira na defesa do forte de S. Jorge com sós 37 guerreiros contra 4000 até que capitula honrosamente. » Como se vê nem falta no capitão Antonio de Lima: é sómente Vieira no primeiro plano do quadro.

Bellegarde lembra ao menos o nome de Lima, e assim se exprime: « No forte de S. Jorge commandado por Antonio de Lima, e auxiliado por João Fernandes Vieira tremulava ainda a bandeira portugueza. » E refere os factos como lembramos ao expôr a nossa 2.<sup>o</sup> duvida.

Ferdinand Dinis no seu Resumo de Historia do Brasil escreve o seguinte: « Viu-se então um mancebo intrepido animando com o exemplo da sua coragem a trinta e sete guerreiros, que defendiam ainda o forte de S. Jorge, e os obrigando a resistir durante seis dias aos esforços de quatro mil homens, que uma numerosa artilharia tornava ainda mais terríveis. Este joven heróe é Vieira, é aquele que deve ainda ser o libertador do Brasil, &c. » Portanto João Fernandes Vieira já aos 17 annos fazia esquecer valentes soldados, como o capitão Antonio de Lima, que commandava o forte, o capitão Alfonso de Albuquerque e não poucos outros, que n'elle se batiam valorosamente.

Constancio (porque teimamos sempre em citar Constancio) quando trata da entrada dos hollandezes na capitania de Pernambuco em 1630, e da defesa do forte de S. Jorge nomeia o capitão Antonio de Lima, como seu commandante, e não falla em Vieira; mas ao relatar a *sublevação das províncias conquistadas em 1644*, diz referindo-se ao intrepido maderirense: « Depois da perda de Olinda distinguiu-se na defesa de S. Jorge, &c. »

Warden na sua Historia do Imperio do Brasil extraída da Arte de Verificar as datas fazia ler em 1833, absolutamente o mesmo que Constancio escreveu em 1839: não ha diferença nem em palavras, quanto mais em idéas.

Aqui temos pois não menos de treze autores que são accordes em contar João Fernandes Vieira no numero dos bravos defensores do forte de S. Jorge, e que apenas differem uns dos outros na maior ou menor somma de gloria, que tributam ao heróe de dezesete annos de idade.

Entre os nossos historiadores, e escriptores do presente seculo encontramos apenas o nosso consocio o Sr. Warnhagen, que não diz em parte alguma da sua Historia Geral do Brasil, que João Fernandes Vieira tivesse tomado parte na defesa do forte de S. Jorge; e o Resumo Historico das descobertas e conquistas dos portuguezes, que dando noticia da invasão dos hollandezes em Pernambuco, lembrando a resistencia heroica do forte de S. Jorge, e tratando de João Fernandes Vieira quando refere os acontecimentos de 1644, não lhe dá os mesmos louros, que lhe conferem os treze autores modernos, que citamos.

Mas o Sr. Warnhagen escreveu uma historia geral: não podia portanto descer a considerar todas as circumstâncias que acompanharam um facto isolado que elle apenas lembra de passagem, e não é muito pois que esquecesse Vieira fallando do forte, onde tantos dizem que elle se illustrará; e o Resumo das descobertas e conquistas dos portuguezes não trata senão muito resumidamente da materia. Consequentemente estas duas autoridades não desfazem com o seu silêncio o testemunho de tantas outras.

Prosigamos em nossas consultas: os autores por nós citados não tinham o direito da invenção, escrevendo a historia: não inventaram por certo: beberam sem dúvida em fontes seguras e respeitaveis as notícias, que confirmaram adoptando-as. Procuremos essas fontes, que não podem ser outras, como já dissemos senão os historiadores e chronistas dos séculos passados.

O mais moço entre esses velhos escriptores é Rocha Pitta: ousamos dizer, que não podemos recebê-lo como fonte n'estas questões, visto que elle nem exhibe documentos, em que fundamente as suas asserções, nem foi contemporâneo d'esses acontecimentos, que também narrou: Rocha Pitta do mesmo modo que os modernos devia ter consultado os mais antigos: esses sim são as fontes: mas consultemol-o em todo caso.

Rocha Pitta em sua pouco verdadeira historia da defesa do forte de S. Jorge não menciona uma só vez o nome de João Fernandes Vieira: fallando porém d'este notável personagem quando chega ao anno de 1644 diz que « Era natural da ilha da Madeira, de nobre origem: viera a Pernambuco de muito poucos annos, e se achára nos primeiros conflitos d'aquelle guerra, onde o seu conselho fôra sempre dos mais honrados: teve a fortuna igual ao animo, e crescendo em cabedaelas veio a fazer-se opulento, &c. »Ora concluir das palavras « *se achára nos primeiros conflictos* » que João Fernandes Vieira combateu no forte de S. Jorge, tendo-se oferecido para isso como voluntario, e que salvou as bandeiras quando teve lugar a capitulação, fôra sem a menor dúvida tirar uma consequencia, que não está contida nos principios: e tanto mais assim nos parece, quanto as palavras que se seguem « *onde o seu conselho fôr sempre dos mais honrados* » indicam de algum modo, que Rocha Pitta considera Vieira na primeira época da

guerra hollandeza mais notável pela cabeça, do que pelo braço.

Mas, nós já o dissemos, Rocha Pitta não é uma fonte no assumpto em questão, e contentamo-nos em fazer notar, que este autor não collocou João Fernandes Vieira entre os defensores no forte de S. Jorge.

Eis-nos enfim diante dos historiadores e chronistas do século decimo setimo, e já com tanto empenho nos está chamando Fr. Raphael de Jesus, que para chegar mais depressa a elle esquecemos no caminho um outro frade, Giuseppe di S. Teresa, a quem aliás consultaremos oportunamente.

Copiaremos o que mais importa para a nossa questão do que refere Fr. Raphael de Jesus no seu *Castrilho Luzitano* a respeito do forte, que tantas vezes temos nomeado.

« Davam-lhe cuidado ( no flamengo ) as forças que defendiam a barra (eram duas a do mar e a da terra ), queria franquear o porto á armada, que estava no mar, e reduzir a communicação dos seus a menor distancia; preparou-se para ganhar por interpreta a força da terra, prevenindo todos os petrechos necessários para o assalto, e todas as cautellas para o segredo. O capitão António de Lima, governador da força, certo do combate, incerto do tempo, o não perdia em se fortificar, e guarnecer de tudo, o que era preciso para a defensa; não era em todos os seus igual o valor, e foi muito desigual a constância; persuadidos da conveniencia e da desconfiança o desampararam todos, menos sete soldados tão destemidos, que desprezavam o exemplo dos companheiros, por imitar a valentia do capitão. Deu parte a Mathias de Albuquerque, do que se passava, em occasião que estava presente João Fernandes Vieira, varão a quem o valor e a fortuna fizeram a todas as luzes grande, cujo animo esperava occasões para se adiantar ao numero dos amigos; achou n'esta o que desejava e sem dilheção se ofereceu a morrer em defensa da força, ( como outro Merco Curcio em beneficio da patria ) gentileza que imitaram até vinte moradores ou persuadidos da emulsação, ou obrigados do exemplo. Agradeceu Mathias de Albuquerque o serviço e António de Lima o obsequio, conhecendo que guarnecida a fortaleza de animos tão valiosos, acharia o inimigo n'ela mais causa para o desvio, que para o assalto. Do valor mais conhecido ficou o capitão o posto

mais arriscado: encommendou João Fernandes Vieira que no mais perigoso estivesse de sentinelha; o que fez sem interpolacão tres dias e tres noites continuos, servindo-se seu ânimo do desvello, como o podera fazer do descanso.»

Continua Raphael de Jesus dando conta do assalto da noite de 20 de Fevereiro, do sitio subquerido, e emfim chegando a triste hora da capitulacão, embora honrosa, conchue assim: « Com armas e moveis, trazendo corda acesa e balha em boca sahiram os portuguezes e com liberdade para disporem como quizessem da suas pessoas. Digna de gloriosa memoria (como accão propria de João Fernandes Vieira) foi uma generosa advertencia, que n'esta occasião teve. Não se lembraram os rendidos da reputação, que perdião nossas armas, deixando as bandeiras d'el-Rei e insignias dos cabos da milícia expostas ao despeso do inimigo. Porém aquelle coração animado sempre de generosos espiritos, menos ambicioso da vida, que da honra, teve cuidado de mandar a um moço seu, que recolhesse a prata da geneta, e a enrolasse em si a bandeira do capitão Affonso d'Albuquerque, que era um dos rendidos, e cingindo consigo mesmo outra, as salvou ambas do opprobrio, etc. O que mais acrecenta o autor é um elogio pomposo ao seu Castrioto Lusitano.

Eis aqui por tanto um anctor que assignala a parte que se diz ter tomado João Fernandes Vieira na defensa do forte de S. Jorge relatando a historia, como a contam os escriptores modernos, e ornando-a com todas as circumstancias que a dramatisam; será porém Raphael de Jesus uma auctoridade, cujo testemunho seja imponente, tratando com especialidade de João Fernandes Vieira?... Estamos persuadidos que não, e ofereceremos as razões em que nos fundamos para pensar desse modo.

Primeiramente e como em outro lugar já o dissemos, Raphael de Jesus nos parece um panegyrista e não um historiador, e para indicar o como tal basta-nos o titulo da sua obra, o — *Castrioto Lusitano* —: ao lel-o presume-se que é um poeta que vai cantar um herói, e não um philosopho que se propõe a escrever a historia de um homem. E depois do titulo desde o prologo até a ultima pagina do livro as exagerações abundam a cada momento, abafundo ou desfigurando a verdade. Que quer dizer, por exemplo, n'essa mesma citação que



acabamos de fazer, João Fernandes Vieira de sentinelha no posto mais perigoso tres dias e tres noites continuos sem interpollação, servindo-se o seu animo de desvelo, como o podéra fazer do descanco? não se deshumanisa assim um pouco esse manecbo, que não dorme tres dias e tres noites e que depois se bate como um Leão?... e n'esse mesmo bello episodio das bandeiras, como Raphael de Jesus diz a paginas 39 que Vieira mandára a um moço seu que enrolasse em si uma das bandeiras, em quanto elle proprio cingia consigo outra, esquecendo-se, que no prologo da sua obra já tinha dito que Vieira saíra do forte *com as bandeiras enroladas em si mesmo com manifesto perigo de vida?*...

Em segundo lugar cumpre não esquecer que o auctor do *Castríoto Lusitano* não esteve em Pernambuco, nada viu do que refere nem o theatro, nem o drama, e que teve por consequencia de receber de outrem as informações, que prodigalisa na sua obra.

E enfim é sempre conveniente lembrar, que, o *Castríoto Lusitano* foi escrito em Portugal e publicado no anno de 1675; que em 1666 André Vidal de Negreiros já tinha substituido no governo de Angola a João Fernandes Vieira, e que este morreu em Portugal, segundo nos declara Faria no seu *Díccionario da lingua portugueza*

A comparação d'estas datas e o entusiasmo incessante que Raphael de Jesus mostra pelo seu heróe nos fazem pensar, que talvez o proprio João Fernandes Vieira inspirasse com a sua presença o seu panegyrista: comprehendemos o alcance e o atrevimento d'esta suspeita; vemos bem que ella pôde ser um pouco nociva á glória de Vieira; mas quem deve carregar com a culpa d'este máo pensamento, d'este nosso peccado, é o proprio Fr. Raphael de Jesus: pois quem poderia contar ao respeitável frade certas particularidades da vida e fortuna do seu heróe, senão o proprio heróe? quem deu a Fr. Raphael de Jesus notícias tão curiosas, como por exemplo as seguintes, que elle registra no prologo de sua obra: « Quando saíiu á campo (João Fernandes Vieira) era casado de um anno; mais que nenhum outro estimado do Framengo; e respeitado dos naturaes: servido de mil e quinhentos escravos, e criados; acompanhado de cento e cincuenta homens de sua casa, e guarda. Na sua estrebaria sustentava vinte e dous cavallos e outros

tantos mouros para curarem d'elles. Tinha capella de musicas com varios instrumentos, e diversos ternos de charavelas. Dava crescidos salarios a mestres das artes liberaes, etc.,»

Realmente e para um frade é saber muita cousa da casa alleia! Faz erer devéras que Fr. Raphael conversou com o dono da casa, que lhe contou o numero dos seus escravos e creados, dos seus cavallos e dos seus mouros, e até dos seus ternos de charavelas. E' um prologo traíçoeiro.

A' vista d'estas considerações somos obrigados a reputar Fr. Raphael de Jesus uma auctoridade suspeita a respeito de João Fernandes Vieira; não nos basta por tanto o seu testemunho para receber sem mais exame a historia que elle nos conta das proeas do seu heróe na defesa do forte de S. Jorge, e que os escriptores modernos á uma voz repetiram; como porém temos ainda mais historiadores e chronistas do seculo decimo setimo e especialmente d'essa guerra dos hollandezes, veremos se elles tecem as mesmas cordas ao feliz Vieira.

Brito Freire dá conta do assalto, do sitio, da gloriosa defesa, e da capitulação do forte de S. Jorge, e não lembra uma unica vez o nome de João Fernandes Vieira: e peior ainda, dizendo que na capitulação se promettera aos nossos sahirem com as armas marchando livremente para onde quizessem, continúa nestes termos: «A que faltou o inimigo, obrigando-os a jurar não pelejariam contra elle nos seis mezes seguintes. Porém alguns dos rendidos como os capitães Antonio de Lima, Francisco de Figueirôa, Roque de Barros, Alfonso d'Albuquerque, o alferes Jacintho Barreto, e Belchior Velho instando constantemente em perderem antes as vidas, do que exceder ao capitulado, ficaram prisioneiros dos hollandezes.» Como é que Brito Freire se esqueceu de contemplar entre estes bravos a João Fernandes Vieira, o voluntario de dezesete annos, a sentinelha que não dormiu tres dias e tres noites, o brioso guerreiro que salvou as bandeiras d'el-Rei, e as insignias dos cabos da milícia?...

O esquecimento de Brito Freire não é de bom agouro: mas vamos por diante.

Fr. Manoel Calado escreveu tambem uma historia d'esta guerra, embora não a pudesse levar ao fim: deu por título á sua obra «*O Valeroso Lucideno e Triunpho da Liberdade.*» Ora o Valeroso Lucideno não é outro senão João Fernandes

Vieira: temos pois tambem aqui um panegyrista no seu tanto, e com a particularidade de escrever em verso, quando está cansado de escrever em prosa, e vice-versa. E' uma auctoridade muito favoravel á Vieira; mas, como já fizemos ver, Calado apenas faz menção da resistencia do forte de S. Jorge, e nem entao falla em João Fernandes Vieira, nem lhe atribue a minima parte na defesa heroica d'essa fortaleza, quando ao chegar aos acontecimentos de 1644 canta em verso, e conta em prosa a vida passada do seu *Valeroso Luctuoso*.

E' um segurolo esquecimento de moço agouro, e de interpretação bem desfavoravel para João Fernandes Vieira na questão, de que tratamos.

O marquez de Brito não pôde deixar de ser chamado a contas: refere elle dia por dia toda a historia do forte de S. Jorge: na memoria do dia 20 de Fevereiro diz: «O nosso forte tinha sómente 37 homens com o seu capitão Antonio de Lima, o alferes Jacinto Barreto, e o sargentu Luiz Fernandes, e assim o capitão Alfonso de Albuquerque com o seu alferes Antonio Berbes, e um soldado que se chamava Belchior Velho do qual já fizemos menção, e outros.» E não falla em Vieira. Na memoria do dia 24 de Fevereiro dá conta de novos soccorros entrados no forte de S. Jorge, e não falla em Vieira, assim como não o lembra nem na occasião em que capitulou a fortaleza. Nas memorias de outros dias em que ao lembrar o nome de alguma dos defensores d'aquele nobre posto, recorda logo o feito glorioso, não se lê uma só vez o nome do voluntario de deszesete annos, que fôra a sentinelu no ponto mais perigoso, e que salvára as bandeiras. Como se explica ainda este esquecimento? não depõe elle depois de outros iguaes de Brito Freire, e Fr. Manoel Calado contra a veracidade da historia dramatisada por Fr. Raphael de Jesus?...

E não se esqueça, que Brito Freire, Calado, e o marquez de Basto acharam-se em Pernambuco ou desde o principio da guerra, ou mais tarde; viram pois muito do que contaram, e poderam ouvir a muitos, que tudo viram. E Fr. Raphael de Jesus não esteve em Pernambuco, nada viu, e jurou sómente nas palavras de quem lhe mereceu fé.

Voltemos agora sobre nossos passos e encontremos Fr. Giuseppe di S. Teresa publicando a sua *Istoria delle Guerre del Brasile* no anno de 1698. Este auctor referindo como Brito

Freire tudo quanto ocorriera no forte S. Jorge, não menciona o nome de João Fernandes Vieira: quando porém em sua historiografia chega ao anno de 1644 diz que Vieira *fora um capitão de nome não vulgar na passada guerra do Brasil*. Sem dúvida Giuseppe quer indicar a primeira época da guerra holandesa: mas ninguém concluirá de suas palavras, que o jovem madeirense praticara as ações brilhantes, que lhe atribuem tantos, na defensa d'aqueila fortaleza. Giuseppe di S. Teresa que segueu em boa parte da sua obra muito de perto a *Guerra Brasilica* de Brito Freire, não neve sempre o mesmo farol, e foi obrigado a deixar-se guiar por outros. Cumple ainda notar que este religioso escreveu na Itália muitos annos depois de terminada a guerra das holandezes no Brasil.

Podíamos ainda citar Raynal — o padre mestre Francisco de S. Maria no *Anno II storico diario portuguez* — e D. Francisco Manoel de Mello na sua 3.<sup>a</sup> Epanaphora, que fallando todos de João Vieira, e rendendo-lhe justos louvores, não o encontram comitudo no forte de S. Jorge colhendo os louros e as corôas, que, unico entre os antigos escriptores, lhe facilita Fr. Raphael de Jesus; mas nós nos contentamos com o testemunho dos nossos cronistas e historiadores do século decimo setimo, elles são as verdadeiras fontes n'esta matéria, e um só d'elles não se pronuncia na questão, de que tratamos, a favor de João Fernandes Vieira.

Mas até aqui temos sómente o silêncio de Brito Freire, de Fr. Manoel Calado, e do marquez de Basto depoendo contra a narração authentica de um panegyrista: silêncio cruel, e desanimador, silêncio que faz nascer mil duvidas: não basta porém este argumento, quando outros ainda nos sobram.

Tinhamos descoberto uma tangente para explicar a presença de João Fernandes Vieira, no forte de S. Jorge, e era a seguinte: O capitão Afonso de Albuquerque fez parte da nobre guarnição d'essa fortaleza, e Fr. Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano* diz à paginas 26 fallando de Afonso de Albuquerque « *capitão da nobreza, debaixo de cujas bandeiras se alistarão João Fernandes Vieira, com poucos annos, muito valor, e muito estimação* » lá se vai d'este modo o interessante episodio do voluntario: ao menos porém encontrámos no forte o soldado acompanhando o seu capitão; mas ahí vem o marquez de Basto com as suas *Memorias Diarias*

levantar-nos uma fatal barreira diante d'esta saída; pois na memoria do dia 16 depois de fallar da gente que fugia do Recife de maneira que muitos se lançaram no rio Biberibe, onde se afogaram, diz que para lhes obviar a fuga lhes mandou atirar o sargento-mor Pedro Corrêa da Gama, e que o mesmo praticou do forte de S. Jorge o capitão Antonio de Lima. E depois continha o marquez de Basto a escrever o seguinte: « Vendo o nosso general aquelle precipicio, o que nada bastava a reprimir-o, tomou a resolução de metter nos dous fortes, S. Francisco da Barra, e o de terra S. Jorge, todas as munições e abastecimentos, que tinha na povoação do Recife. Para este ultimo (o forte de S. Jorge) se ofereceu o capitão Affonso de Albuquerque com o seu alferes Antonio Borges, e um unico soldado que ficou, Belchior Velho. »

Por consequencia João Fernandes Vieira que segundo o proprio Fr. Raphael de Jesus, pertencia á companhia de Affonso de Albuquerque, não acompanhou o seu capitão, quando elle foi unir-se aos bravos do forte de S. Jorge, com o seu alferes Antonio Borges, e um unico soldado, que ficou, Belchior Velho!... e note-se que este — *um unico soldado que ficou* — escrito pelo marquez de Basto em seguida ao periodo em que fallou da fuga de muita gente, é terrível, e faz-nos abandonar para sempre a tangente, que pouco antes havíamos applaudido, como uma feliz descoberta.

E ainda outros argumentos temos que apresentar.

Já nos queixámos a pouco do silencio de Fr. Manoel Calado: nem quando trata da entrada dos holandeses em Pernambuco no anno de 1630, nem quando entra com a sua historia no anno de 1644 se lembra este admirador de João Fernandes Vieira de descrever as proezas do seu *Valeroso Lucídeno* no forte de S. Jorge; mas o esquecimento se explica no primeiro caso pela razão de *ir contando o auctor essas cousas por maior*, como elle o diz; e no segundo porque a occasião lhe não pareceria opportuna, bem que então passe em revista, embora resumidamente, a vida passada de Vieira.

Ha porém um terceiro caso em que não achamos explicação possível para o silencio de Fr. Manoel Calado á respeito do voluntario de dezesete annos, que começará a immortalizar-se no forte de S. Jorge.

E' cousa sabida que um poeta quando canta um heróe, enja

fronte procura ornar de virentes loures, esquadrinha todos os feitos d'elle, inventa mesmo alguns, e não despreza jamas aquelles, que mais honra fazem a personagem, que pretende recomendar á admiração dos contemporâneos e da posteridade. Pois bem: Fr. Manoel Calado a paginas 157 da sua obra passa da prosa ao verso, e exclama :

« Cessem Sirenas das cerulas ondas,  
« As ninfas do dourado Tejo ameno,  
« Fingidos Camilotes e Maimondas,  
« As memorias do Santo, Tigre e Reno  
« A fama do Thebano Epaminondas,  
« Em quanto do animoso Lucideno  
« Peito sagaz, valor, e emprezas canto,  
« Reparo do Brasil, do inferno espanto.

Segue a invocação, e vem depois a narração : João Fernandes Vieira nasce na ilha da Madeira, cresce em annos : mas ainda muito joven deixa a pátria, embarca-se, e chega a Pernambuco : agora continua o poeta :

« A Pernambuco chega humilde e pobre  
« (Porque quem foge aos paes tem mil desgraças)  
« Porém como o sen sangue e sangue nobre,  
« Para passar a vida busca traças :  
« Considera que o ouro, a prata, o cobre,  
« E' o que mais se estima pelas praças,  
« E assi para buscar a honesta vida,  
« Serve a um mercador por a comida,  
  
« Sae-se do Arrecife em continente  
« Por não vir nelle a dar em ser magano,  
« E não ser visto ali da muita gente,  
« Que hia e vinha da ilha cada um anno :  
« O coração cercado de ancias sente,  
« Um engano o persegue e outro engano,  
« Em resolução parte do Arrecife,  
« Que não diz bem ser nobre, e ser patife.

Em seguida faz-se Vieira negociante, enriquece, casa-se e

enriquece mais ainda, entra com o sogro na famosa empreza de 1644, e quando o *Falerozo Lucideno* vai-se pôr em campo e contra os hollandezes, dá o poeta parte de cansado, dizendo :

“ Façamos pausa aqui, muza querida,  
“ Vamos por os caminhos ordinarios.

Esses caminhos ordinarios são abertos pela prosa, com a qual continua o poeta a narrar acontecimentos que agora não vem ao caso.

Realmente custa-nos a compreender como n'esse canto esqueceu Fr. Manoel Calado os feitos de João Fernandes Vieira no forte de S. Jorge : a menos que elles sejam devidos a uma pura invenção de Fr. Raphael de Jesus, nada poderia absolver o poeta.

Mas temos ainda um argumento que será o ultimo e por certo que não o mais fraco dos que servem de fundamento à nossa dúvida.

Fr. Manoel Calado escreve trasladada bem e fielmente uma certidão, diz elle, que todo o povo de Pernambuco altos e baixos, nobres e peões, ricos e pobres, juizes e vereadores e mais officiaes das camaras, o seruias e o clero, capitães e soldados deram a João Fernandes Vieira em como o tinham aclamado por governador da liberdade, e como a tal lhe obedeciam de commun consentimento por elle haver sido e ser o principal, e ainda o total remedio d'aquelle província.

Essa certidão é sem a menor dúvida um documento da maior importancia : importa ella um termo da aclamação de João Fernandes Vieira para o cargo de governador, e logo no primeiro periodo concluem assim os que o assignam : « *o aclamamos, e o mantemos por muitas causas e razões seguintes.* »

Segue-se a exposição de muitos serviços prestados por João Fernandes Vieira antes do anno de 1644, em que teve lugar o movimento regenerador de Pernambuco : mas entre esses serviços não aparece registrado o da parte que tomára Vieira, como quer Fr. Raphael de Jesus, na defesa do forte de S. Jorge.

Será admissível uma tal ommissione ? ... como explicá-la a não ser considerando-a infundada, e não verídica a narração.

do auctor do *Castrioto Lusitano*?... notemos bem que o termo, a que nos referimos, e que se encontra a paginas 247 do *Valeroso Lucideno*, foi lavrado todo em honra de Vieira, e que vem n'elle assignados diversos parentes da mulher do illustre madeirense, e por tanto muito interessados em fazer brilhar a sua gloria.

Ainda uma ou outra consideração poderíamos offerecer para mostrar os motivos da nossa duvida; receamos porém fa igar demasiadamente a attenção do Instituto; limitamos-nos pois ao que deixamos exposto.

Temos para nós que ficam demonstrados os seguintes pontos:

1.<sup>o</sup> Que de todos os nossos antigos chronistas e historiadores da guerra dos vinte e quatro annos sustentada contra os hollandezes, um unico dá á João Fernandes Vieira um posto entre os defensores do forte de S. Jorge no anno de 1630, e que esse unico é Fr. Raphael de Jesus.

2.<sup>o</sup> Que Fr. Raphael de Jesus é mais ou antes um panegyrista do que um historiador, e até parece ter escripto soh as inspirações do seu heróe, tornando-se por isso muito suspeito.

3.<sup>o</sup> Que além do silencio guardado pelos historiadores e chronistas da época a respeito da pretendida parte, que tivera Vieira na defesa do forte de S. Jorge, resulta da combinação das asserções de auctores, e de não ter sido esse feito lembrado em um documento importante lavrado em honra do mesmo Vieira, que não tem fundamento, nem pôde ser tida na conta de veridica a narração que relativamente faz Fr. Raphael de Jesus.

E á vista pois d'estas observações, e em quanto elles não forem destruidas, pedimos licença aos escriptores modernos para duvidar do facto, a que alludimos, e que elles aceitaram, e concluimos declarando que em nosso entender, não está provado, e não se pôde dizer que João Fernandes Vieira tivesse tomado parte na gloriosa defesa do forte de S. Jorge.

